

Núcleo de Educação Popular - 13 de Maio São Paulo, SP.

CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

Tel. (11) 8201 6059 ou (11) 92357060. e-mail: criticasemanal@uol.com.br

EDIÇÃO nº 1011; ano 24; 3ª semana Março/2010.

Big Mac em Pequim é o maior barato

O problema da China aparece na mídia global e na opinião pública como um simples problema de descompasso de taxas de câmbio. Um yuan subvalorizado. Mas isso é muito pouco para justificar o alerta chinês desta semana que o mundo está à beira de um duplo mergulho na crise.

JOSÉ MARTINS.

O primeiro-ministro chinês não costuma falar muito. Publicamente, então, quase nunca. Só as abobrinhas burocráticas de sempre. Mas, no início desta semana, resolveu fazer uma surpreendente avaliação: a economia mundial estaria à beira de um duplo-mergulho. Haveria, então, em sua opinião, uma recaída global e imediata à crise, abortando, portanto, a incipiente reversão cíclica atual.

Pode-se apostar nisso? Infelizmente, o supremo burocrata chinês não deu nenhuma explicação para sua belíssima afirmação. Será que ele está vendo alguma coisa que os pobres mortais não são capazes? Talvez. O certo é que o problema (grave problema, ao que parece) só pode ser a própria economia chinesa. E se o “chão de fábrica do mundo” está com graves problemas, o que se deduz do pronunciamento do seu líder máximo, o que o resto do mundo teria a ver com isso? Tudo e muito mais.

O CÂMBIO DA DISCÓRDIA – Quando acontecer uma verdadeira depressão global, ela certamente será detonada por Nova York (Wall Street) ou por Pequim. Uma delas soará as trombetas do apocalipse capitalista. Ou, o mais provável, as duas, ao mesmo tempo. As economias dos Estados Unidos e da China são irmãs siamesas. Os problemas de uma são a contraface dos problemas da outra. A China como a parte passiva da patológica relação. Não podemos nos prolongar agora nesse fenômeno. Já tratamos exaustivamente, em boletins dos anos 2007/2008, dessa galvânica organicidade das economias dos Estados Unidos e China no moderno *desenvolvimento desigual e combinado* global, fenômeno representado por indissociáveis relações financeiras, comerciais e produtivas desses seus dois principais protagonistas.

Por isso soa muito estranho que os representantes políticos dos Estados Unidos (Casa Branca e Capitólio) tenham aprofundado nas últimas semanas a campanha pela desvalorização do *yuan*, a moeda chinesa. As próprias escaramuças geopolíticas recentes de Washington (Dalai Lama, armas para

Taiwan, etc.) caminham junto com essa ladainha idiota que os baixos preços das mercadorias exportadas para os Estados Unidos a partir da China causam prejuízo para a economia de ponta do sistema. Uma campanha muito popular, diga-se de passagem. Fácil de ser entendida. É o que transparece na edição desta semana da *The Economist*. Como faz todo mês, a revista inglesa acaba de atualizar seu famoso *The Big Mac Index*, resultado da pesquisa dos preços nos principais países do mundo do Big Mac, esse indigesto sanduíche global. O índice é calculado de acordo com a *teoria da paridade do poder de compra*, pela qual as taxas de câmbio podem equalizar o preço de uma cesta de bens homogêneos entre os países. O Big Mac seria um dos produtos industrializados mais homogêneos no mundo, por isso seu preço representaria muito bem esse padrão de medida do poder de compra dos países.

Resultado resumido da pesquisa, o preço do tóxico sanduíche em US dólar, começando pelo preço mais caro até o mais barato: Noruega (US\$ 6,87); Euro Zona (4,62); Turquia (3,78); Estados Unidos (3,58); Japão (3,54); Coreia do Sul (3,00); México (2,58); Rússia (2,38); Taiwan (2,36); Malásia (2,12); China (1,83). Assim, de acordo com a tabela da *The Economist*, na China é onde se compra o Big Mac mais barato do mundo. O sanduíche pode ser comido em Pequim pela metade do preço dos Estados Unidos; por 40 por cento do preço na Euro Zona; metade da Turquia; 71 por cento do México, etc.

Conclusão da revista: “Nosso Índice Big Mac mostra que o yuan chinês continua subvalorizado [*undervalued*]. Recentes e renovadas reclamações dos americanos para a China revalorizar sua moeda tem entrado por um ouvido e saído pelo outro. A China tem rejeitado acusações de que o enorme déficit comercial da America com ela seja causado principalmente pelo enfraquecimento artificial do yuan, que se mantém indexado ao dólar desde julho de 2008. Economistas lembram que a apreciação do iene [moeda japonesa] ajudou muito pouco a reduzir o déficit americano com o Japão nos anos 1980. Mas o yuan está inquestionavelmente subvalorizado. Nosso Big Mac index (...) sugere que o yuan está 49% abaixo da seu nível justo de valor frente ao dólar”¹

É assim que o problema da China aparece na mídia global e na opinião pública, como um simples problema de descompasso de taxas de câmbio. É muito pouco, pelo menos para justificar o alerta chinês que o mundo está à beira de um duplo mergulho na crise. E a coisa fica mais complicada ainda quando essas pressões idiotas para a desvalorização do yuan são feitas também por prêmios Nobel de Economia. Quer dizer, fica ainda mais evidente uma grande ignorância de como as coisas funcionam no mercado mundial. Por isso esse assunto merece uma análise mais cuidadosa. Tentaremos fazê-la no próximo boletim.

¹ The Economist, “Exchanging blows”, 17/março/2010. <http://www.economist.com>

Para receber **semanalmente** em seu email análises econômicas como esta que você acabou de ler, assine e divulgue o boletim **CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA**, do 13 de Maio, Núcleo de Educação Popular, S.Paulo.

Em 2010, estamos completando **24 ANOS DE VIDA**.
Vinte e quatro anos informando e educando a **classe trabalhadora!**

ASSINE AGORA A CRÍTICA Ligue agora para (11) 9235 7060 ou (48) 96409331 ou escreva um e-mail para criticasemanal@uol.com.br e saiba as condições para a **assinatura!**